

Além da coerência citada acima e a esperança do verbo “esperançar”, a convicção pedagógica, de que a libertação de oprimidos e oprimidas só terá legitimidade, através de sua conscientização crítica, rumo a ações transformadoras em seu cotidiano. E tal conscientização não acontece espontaneamente ou de maneira artificial. É preciso trabalho, esforço conjunto e diálogo constante entre educadores(as) e educandos(as). Tanto uns, quantos outros, oprimidos(as) no contexto atual em que vivemos.

Sigamos em frente, esperançosos, como *freirianos* que somos. Convictos de que transformar é possível. Transformar é urgente e necessário.

10 de agosto

Peterson R. Costa

---

“Não comete pecado contra a seriedade científica quem trata bem a palavra para não ferir o ouvido e o bom gosto de quem lê ou ouve o seu discurso e que, nem por isso, pode simplesmente ser acusado de “retórico” ou ter caído na “fascinação de uma elegância linguística como um fim em si mesma””. (FREIRE, pag. 74).

Sempre fui um apaixonado pela escrita. Ainda pequeno queria descobrir o que eram aqueles traços que traduziam as palavras que minha boca pronunciava. Quando já dominando o código convencional descobri que poderia brincar com ele, dizer e não dizer, esconder sentido, reclamar, denunciar, elogiar, descrever lugares, sensações, sentimentos, ser diferentes personagens. A palavra me permitia ser aquilo que minha mente fosse capaz de pensar. Bons tempos aqueles em que era livre para brincar com as palavras e os sentidos que carregavam ou poderiam carregar.

Um belo dia fui apresentado ao universo acadêmico, e tristemente descobri um mundo das letras um tanto frio, sem vida, impessoal, desprendido do sujeito, “neutro”, mas muitas vezes bem posicionado ideologicamente. Um tanto estranho! Falava de sentimentos, porém sem sentimentos, descrevia lugares, porém com uma frieza que não despertava interesse algum no leitor em visitar o espaço. E eis que descubro que para ser reconhecido, respeitado deveria fazer uso da tal linguagem científica, utilizada por aqueles que dominam o conhecimento. Aqueles que detêm o poder da verdade. Além de fria esta forma de linguagem era um tanto distante e muitas vezes rude.

Assim como Freire sempre me questioneei se para escrever cientificamente tenho que necessariamente ser rude? Impessoal? Feio?

Definitivamente não!

Escrever é também um ato político, por isso não existe neutralidade na escrita. A escolha do vocábulo, do estilo, dos recursos linguísticos utilizados, tudo compõe uma escolha nada neutra e que carrega inúmeros sentidos sejam eles culturais, acadêmicos ou psicossociais.

Escrever é um ato de resistência, de rebeldia, de libertação, de autonomia. É também reflexo de uma identidade cultural. Por isso, sigo brincando com as palavras e com os sentidos que carregam, na tentativa de despertar consciências, de provocar debates, de filosofar no sentido epistemológico da palavra.